

Análise do Potencial de Desenvolvimento do Turismo Étnico-Criativo: um estudo na Comunidade Indígena do Catu dos Eleotérios (Canguaretama-Goianinha/RN)

Maria José dos Santos Pimentel¹
Geyson Fernandes da Silva²
Marcio Marreiro das Chagas³
Karoliny Diniz Carvalho⁴

Resumo

O presente estudo busca analisar o potencial de desenvolvimento do turismo étnico-criativo da comunidade indígena do Catu dos Eleotérios. O turismo criativo é caracterizado pela vivência turística, buscando a interação e participação do visitante nas tarefas desenvolvidas pelos nativos da comunidade, simbólicas da cultura local, com a co-criação dinâmica entre eles. Visando, o empoderamento sociocultural da localidade a fim de preservar a identidade étnica. Para isto, foi realizado um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa. A amostra foi não probabilística, por conveniência, em que a escolha dos indivíduos ocorreu através de alguns critérios. A coleta de dados foi efetuada através de roteiros de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo. Dentre os resultados obtidos foi a identificação das atividades com potencial para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo, como possíveis produtos turísticos foram analisados: a agricultura familiar, gastronomia local, a trilha, oficina de pintura corporal, as plantas medicinais, ritual de toré, artesanato, festas/eventos e oficina de pintura cultural. Quanto ao diagnóstico, observou-se que as atividades analisadas não estão em condições adequadas para o receber visitantes, o atrativo da trilha não há sinalização e manutenção do trajeto, também foi possível analisar que a maior parte dos residentes entrevistados possuem interesse em participar da atividade turística. Em relação aos roteiros criativos propostos foram sugeridos alguns roteiros criativos para as atividades analisadas. Ademais, essas atividades podem contribuir para a valorização social, cultural e para as tradições com base étnica, que possam ser vivenciadas pelos turistas, como atividades/atrativos que possibilitem o estímulo turístico na comunidade.

Palavras-chave: Turismo criativo; Comunidade indígena do Catu; Turismo étnico; Desenvolvimento turístico.

INTRODUÇÃO

A atividade turística vem crescendo em todo o mundo, estimulando os destinos turísticos e comunidades a crescerem turisticamente como estratégia para o desenvolvimento econômico, social e cultural, possibilitando a geração de emprego e a melhoria da qualidade de vida dos *stakeholders* (SILVA, 2014; SANTOS, 2014; VIEIRA, 2014). Nesta perspectiva, o turismo criativo surge como alternativa na qual o turista vivencia novas experiências a partir das

¹ Mestrando em Turismo pelo PPGTUR/UFRN. <http://lattes.cnpq.br/0825549343954447>. Email: mariapimentel978@gmail.com

² Mestranda em Turismo pelo PPGTUR/UFRN. <http://lattes.cnpq.br/0193936649623944>. Email: gfsuap978@gmail.com

³ Diretor Acadêmico do IFRN campus Canguaretama. Doutor em administração pelo PPGA/UFRN. <http://lattes.cnpq.br/4642897956276126> Email: marcio_marreiro@yahoo.com.br

⁴ Docente do curso de turismo da UFMA Campus São Bernardo. Doutoranda em Turismo pelo PPGTUR/UFRN. <http://lattes.cnpq.br/4022781142042263> .Email: karolinydiniz@gmail.com

atividades cotidianas da comunidade receptora, visando uma interação entre o visitante e o residente (RICHARDS; RAYMOND, 2000).

O turismo criativo vem se consolidando no Brasil, dentre outros tipos de segmentos turísticos, no qual as pessoas buscam vivenciar atividades da cultura local de uma determinada comunidade. Portanto, faz-se necessário essa nova forma de inovação turística, que busca promover a preservação e a valorização da cultura local, a fim de estimular sua identidade (MOLINA, 2011).

É a partir da perspectiva de novas possibilidades de produtos turísticos que se destaca o turismo indígena, o qual está diretamente ligado à cultura. A integração de roteiros turísticos voltados para a cultura e a etnicidade podem gerar novas demandas, diversificar e complementar os roteiros já consolidados, fazendo com que esses roteiros corroborem para o crescimento turístico local.

Com isso, o turismo criativo busca proporcionar experiências significativas para o visitante e no desenvolvimento de uma relação igualitária entre o residente e turista, gerando a criação de novos sentidos e identidades nos destinos turísticos (RICHARDS, 2011). Diante disso, o presente estudo buscou analisar o potencial para o desenvolvimento do turismo étnico-criativo comunidade indígena Catu dos Eleotérios, localizada no Rio Grande do Norte.

Nesta comunidade já são desenvolvidos alguns segmentos turísticos, como o turismo pedagógico, realizado nas escolas Alfredo Lima e João Lino, e o turismo étnico. No entanto, o relacionamento interpessoal entre turistas e residentes não é algo bem trabalhado na comunidade. Neste sentido, faz-se necessário estimular a interação e participação dos autóctones na atividade turística.

Contudo, os turistas “criativos” estão engajados no desenvolvimento de novas relações com a vida cotidiana dos destinos (STYLIANOU-LAMBERT, 2011). Os turistas buscam cada vez mais experiências autênticas, onde exista uma troca de conhecimento. Com isso, a comunidade do Catu dos Eleotérios, pode oferecer aos visitantes uma vivência baseada na cultura local de modo que possa haver a integração dos visitantes nas atividades cotidianas dos residentes.

Nesse contexto, as atividades executadas pelos moradores ganham novos sentidos, o qual deixam apenas de ser uma atividade rotineira para se tornar uma nova possibilidade de geração de renda, além de dar mais visibilidade às atividades de caráter cultural e manifestações culturais desenvolvidas na comunidade.

Neste sentido, a atividade turística seria um dos principais agentes para que os residentes participassem do processo de desenvolvimento turístico da comunidade, com o intuito de gerar

a valorização cultural local, na geração de emprego e renda aos moradores locais e que também, pode promover uma nova visão de mercado para residentes. Outro aspecto positivo que pode ser trazido pelo turismo étnico-criativo é a participação dos moradores quanto agentes fundamentais para a realização da atividade turística, já que eles desempenharam o contato direto e indireto com os visitantes.

Há também a necessidade de estabelecer a participação dos residentes no desenvolvimento da prática turística, fazendo um turismo colaborativo, para que possa haver uma melhor distribuição de renda entre os moradores, gerando a descentralização da arrecadação de recursos financeiros vindos da atividade turística. Justamente pelo fato de que, a principal fonte de renda dos moradores da comunidade é a agricultura familiar, e com o auxílio do desenvolvimento do turismo possibilitaria outras fontes de renda na comunidade.

O estudo da atividade turística permite uma visão ampla, acerca da compreensão sobre a percepção dos agentes sociais envolvidos na prática turística, num contexto social e cultural. Por isso, faz-se necessário novas ações de incentivo para o desenvolvimento da atividade turística em comunidades indígenas agregadas à cultura e à criatividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Economia criativa

Historicamente, o conceito de economia criativa tem origem na indústria criativa. Esta deu-se através do projeto *Creative Nations*, na Austrália em 1994. Esse projeto tinha como finalidade a valorização dos trabalhos criativos, que visavam a contribuição dos envolvidos na economia local, aliando a tecnologia à cultura (REIS, 2008).

O termo economia criativa proposto por Howkins (2001), é definido como negócio das ideias, no qual novas ideias e invenções são comercializadas e vendidas, que podem consistir em ações criativas, através do trabalho intelectual e conseqüentemente gerar valor econômico. Nesta visão, o autor mostra a economia criativa como uma maneira das pessoas transformarem as ideias em algo de valor.

A Unesco (2010) apresenta a economia criativa como forma de estimular o crescimento econômico e mostrar novas alternativas para o desenvolvimento, principalmente por possuir como base a criatividade e utilizar as características culturais e sociais de cada país ou região no desenvolvimento de bens e serviços competitivos.

Como na definição da (UNCTAD, 2018), a economia criativa é um conceito em evolução. Dessa forma, abrange diversos campos que possuem a criatividade e a cultura como seu alicerce e que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e crescimento da indústria criativa. Em que, interligados podem proporcionar vários benefícios econômicos. Como consequência positiva da economia criativa, ela promove a geração de emprego, na exportação de ganhos e na estimulação de geração de renda, promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano (UNCTAD, 2010).

Turismo em comunidades tradicionais

Brandão, Barbieri e Reyes Júnior (2013), afirmam que o desenvolvimento do turismo em regiões indígenas sugere salvaguardar os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais que são impactados com essa atividade. Neste sentido, torna-se importante que haja a preservação da identidade local e ambiental, para que assim não afetem diretamente a comunidade e os seus residentes, sendo fundamental cuidar e proteger a cultura. Vale salientar que é importante minimizar os impactos negativos trazidos pela atividade turística.

O Decreto Lei n. 6.040/07, define os povos e comunidades tradicionais como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 316).

Essas singularidades existentes nas comunidades tradicionais, faz com que ela se diferencie, cujo aspecto dela implica em princípios e valores que refletem na vivência de um determinado grupo de pessoas. Preservar o bem-estar dessas comunidades é garantir a identidade cultural de um povo.

No desenvolvimento do turismo deve haver o controle e planejamento da atividade, pois desta forma pode minimizar os impactos negativos e maximizar os ganhos para a comunidade envolvida como também para os visitantes que poderiam desfrutar de um turismo diferenciado que proporciona experiências singulares e de diversidade cultural que proporciona o contato com a diversidade local e a prática das atividades tradicionais culturais existentes.

Turismo criativo

De acordo com Richards (2003) um dos principais motivos do surgimento do turismo criativo é a necessidade da autocriação que ocorre por consumo de conhecimento especializado. Em outras palavras Scitovsky afirma que “o consumo de conhecimento especializado se baseia na motivação intrínseca e no desenvolvimento das capacidades e competências dos próprios consumidores” (Apud RICHARDS, 2003, p.114). Assim, o consumo se dá através de um processo espontâneo em que o consumidor desenvolve atividades que fazem parte de uma determinada comunidade, mas que além de cocriá-la, gerar de fato um processo dinâmico e significativo de conhecimento e aprendizado.

Segundo Richards e Raymond (2000), o turismo criativo foi definido como sendo um tipo de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através de uma participação ativa na experiência de aprendizagem, característico do destino de férias onde eles são realizados. O turismo criativo oferece ao turista a interação, participação e a co-criação das atividades desenvolvidas na localidade, possibilitando experiências autênticas e inovadoras.

Richards e Raymond (2000), em sua proposta inicial, acreditavam em um conceito de Turismo Criativo que seria um passo adiante do que era denominado Turismo Cultural.

Turismo criativo difere do turismo cultural tradicional de várias formas, mas a mais significativa é que requer um elevado grau de participação por parte do consumidor — ou a mudança do consumo para o “pro-sumo”. O argumento básico é que, como estruturas sociais e culturais não conseguem mais fornecer segurança individual e reconhecimento, as pessoas começam a se desenvolver através de “consumo qualificado” (RICHARDS, 2002 apud HUMMEL, 2016, p. 55).

Como visto, há diferença entre o turismo cultural do turismo criativo, ou seja, cada um tem suas especificações, mas o turismo criativo tem o objetivo de fazer com que o visitante participe efetivamente das práticas cotidianas de uma determinada comunidade, despertando-o para um novo sentido de vivenciar experiências daquele povo a qual ele está visitando. Deixa de ser apenas a apreciação das atividades e da cultura daquele local para a co-criação das atividades consideradas tradicionais daquela comunidade.

Vale ressaltar que o turismo criativo está ligado a cultura, pois eles norteiam da mesma proposta que é gerar conhecimento ao turista a partir da cultura tradicional de um povo, através do consumo da matéria-prima da localidade, cujas características são definidas como patrimônio cultural (ASHTON, 2013; RICHARDS 2011).

Para Emmendoerfer e Ashton (2014, p. 458) os turistas buscam uma “vivência autêntica e significativa, somente possível envolvendo as questões socioculturais e históricas que formaram determinada cultura”. Neste sentido, as pessoas procuram uma vivência diferenciada, que resulte em uma experiência singular de conhecimento e aprendizado, que envolve o visitante na participação das atividades cotidianas, ou seja, na coprodução de produtos ou serviços desenvolvidos pelos residentes que possuam caráter próprio da comunidade relacionados à cultura.

Roteiros turísticos

Os roteiros turísticos podem ser utilizados como instrumento de divulgação das potencialidades de um destino, por meio de atrativos que sejam representativos do lugar (DANTAS; MELO, 2011) fazendo com que os visitantes possam ter diversas experiências com o lugar, com a cultura e com os residentes (PIRES, 2017). Desta maneira, os roteiros são fundamentais para a promoção do destino turístico, em que os atrativos possuam uma identidade cultural e para diversificar os produtos turísticos locais.

Os roteiros quando bem elaborados conseguem montar a “alma” do lugar. Eles não são apenas uma sequência de atrativos a serem visitados, são também uma ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente de uma determinada localidade (CRESTANI, 2012, p. 11).

O roteiro turístico constitui vários elementos de um destino, compreendidos como produtos turísticos, que são capazes de envolver o visitante e atender as necessidades dos turistas, mas que também, possa satisfazer os interesses da comunidade receptora quanto ao desenvolvimento da atividade.

Segundo Tavares (2002, p. 15) os roteiros “tornam-se peças fundamentais na organização e na comercialização do turismo como produto”. Neste sentido, os roteiros são importantes para o processo do crescimento turístico de um destino, pois é através dele que é realizada a divulgação do lugar. Para o MTUR (2007), a roteirização turística é uma maneira de prolongar a permanência do visitante no local, e consequentemente, aumentar seus gastos. Com isso, a permanência dos visitantes no local pode acarretar na demanda de serviços locais, que podem impactar de forma positiva no destino.

METODOLOGIA

A pesquisa buscou analisar o potencial de desenvolvimento do turismo étnico-criativo na comunidade indígena do Catu dos Eleotérios (RN), como forma de desenvolvimento turístico de base étnica. O estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo, com abordagem analítica qualitativa. Com o uso do estudo exploratório, foi possível conhecer melhor a comunidade e investigar a relevância do potencial turístico cultural, para se trabalhar no desenvolvimento do turismo.

Na pesquisa qualitativa, buscou-se compreender como se dá a interação dos residentes no desenvolvimento do turismo na comunidade e identificar as atividades cotidianas dos residentes que possuem potencial turístico. A amostra foi definida por um subconjunto da população, selecionada para representá-la, ou seja, estabelecida a partir da escolha de residentes que desenvolvem alguma atividade com potencial turístico. A amostra da pesquisa foi não probabilística, por conveniência, que Segundo Vergara (2006), este tipo de amostra seleciona elementos pela facilidade de acesso. Neste sentido, houve uma seleção dos residentes para a realização das entrevistas, selecionados a partir dos requisitos estabelecidos na pesquisa.

A população deste estudo foi constituída pelos membros da comunidade do Catu dos Eleotérios que desenvolvem algumas dessas atividades que fazem parte da cultura local, em que se obteve um total de vinte e oito entrevistados, sendo doze pessoas do sexo feminino e dezesseis pessoas do sexo masculino.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro a novembro do ano de 2018. Os dados foram obtidos através de um roteiro de entrevista semiestruturado desenvolvido para cada atividade analisada na realização da investigação. Segundo Mattos (2005), na entrevista semiestruturada, o pesquisador possui um roteiro com questões ou tópicos a serem respondidos, com certo grau de flexibilidade, em que as questões não precisam seguir uma sequência fixa, visto que, no percurso poderão surgir novas questões a serem formuladas. Desse modo, o roteiro de entrevista foi desenvolvido para cada grupo de atividade executado pelos moradores.

Na coleta de dados foram utilizados dez roteiros de entrevistas, sendo as questões elaboradas para cada tipo de atividade. Para as entrevistas, inicialmente foi realizado um levantamento das atividades com potencial turístico, após esta seleção foi elaborado o roteiro de entrevista para realização da coleta de dados. Logo depois, foram executadas as entrevistas com os residentes que desempenham essas atividades.

As entrevistas foram realizadas através de visitas às casas dos residentes, elas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo que não foram todos os residentes que permitiram a gravação da entrevista.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1994), consiste em três etapas, a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Para esse estudo foi realizado primeiramente a pesquisa bibliográfica que embasaram este estudo, a segunda etapa foi a realização das entrevistas com os residentes da comunidade do Catu e as transcrições das entrevistas. Por fim, a última etapa refere-se a análise dos dados, no qual buscou compreender a interação dos residentes sobre o desenvolvimento da atividade turística na comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo obteve um total de vinte e oito pessoas entrevistadas, sendo elas, apenas residentes da comunidade. A escolha das atividades ocorreu através da análise das atividades que são desenvolvidas na comunidade, mas que podem ser trabalhadas como atrativos turísticos, sendo que a análise partiu do pressuposto de que as atividades selecionadas possuam características da cultura local.

Agricultura familiar

A agricultura é uma prática familiar desempenhada pelos residentes da comunidade para a sua subsistência. As plantações são feitas as margens do rio Catu, em que, são encontrados diversos tipos de hortaliças e raízes.

É possível perceber que os residentes possuem uma ligação forte com a agricultura, que vai além dos aspectos econômicos. Durante a entrevista, quando questionados pela forma de como ocorre o plantio, os entrevistados revelaram a técnica utilizada como forma de manter suas plantações no período chuvoso, pelo fato de que, as plantações são feitas no paul (locais alagadiços próximo ao rio). No inverno, os agricultores migram suas plantações para o arisco (locais distantes do rio), para que assim consigam fazer a colheita. Os produtos colhidos na comunidade são comercializados nas feiras locais de Canguaretama, Goianinha, Pedro Velho e no distrito de Piquiri.

Esta atividade possui potencial turístico para o turismo étnico-criativo, pois possibilita a integração dos visitantes de forma direta, gerando novas experiências. Com isso, proporcionar a inserção do residente na atividade turística, além de gerar novas fontes de renda aos autóctones. No qual, pode ser realizada a visitação nas plantações dos residentes e que eles apresentem como ocorre o processo de plantio e colheita dos produtos produzidos na comunidade, em que os visitantes podem participar de forma direta na atividade, como participar da plantação e/ou da colheita.

Oficina de Tupi

A oficina de tupi é realizada nas duas escolas da comunidade, João Lino da Silva e Alfredo Lima, nas quais, é ofertado o ensino integral, composta pela grade curricular do ensino fundamental I, e disciplinas extracurriculares, baseadas na cultura indígena como a disciplina de étno-história, oficinas de pintura corporal, língua tupi, jogos e brincadeiras indígenas. Quando ocorre os intercâmbios e as visitações às escolas, são realizadas algumas oficinas, em que os visitantes podem entender a dinâmica da aula da língua tupi e conhecer palavras que fazem parte do cotidiano que são em tupi e não são conhecidas.

A oficina de tupi é trabalhada no turismo pedagógico, em que os visitantes são recepcionados nas escolas locais. Geralmente, realizado no dia 19 de abril em comemoração ao dia dos povos indígenas. “A nossa finalidade é recuperar a língua e fortalecer identidade cultural na comunidade. Porém, essa ainda é uma questão muito precária devido, a falta de formação e de material atualizado” (SOARES, 2018).

Diante disso, é possível notar que para a recuperação da língua tupi, é preciso que os materiais didáticos sejam atualizados e que haja uma oferta maior de cursos em tupi, para os professores que trabalham com o resgate cultural em comunidades indígenas.

Ritual Toré

O toré é um ritual sagrado, na qual os participantes do ritual cantam e dançam como forma de agradecimento aos encantados (seres protetores da mata) e Tupã. A prática do ritual do toré foi retomada pelos residentes no ano de 2002, com o objetivo de reafirmar a identidade cultural local. “O fogo que fica no centro do ritual simboliza a energia vital da luz e o equilíbrio, em representação a Guaraci que é o sol. O toré é a resistência do povo indígena” (SOARES, 2018).

O ritual toré acontece de duas formas diferente, o toré fechado, em que o pajé da comunidade e de outras comunidades em conjunto com mestres juremeiros se reúnem para realizar o ritual do toré, em busca de proteção e prosperidade. Geralmente, acontecem na noite de lua cheia ou lua crescente. E o toré aberto para toda a comunidade, em agradecimento a colheita. No ritual, os participantes dançam e cantam em volta da fogueira e dialogam sobre o movimento indígena. A prática do toré também é repassada nas escolas indígenas da comunidade, como forma de fortalecimento cultural.

Plantas medicinais

As plantas medicinais têm grande importância cultural para os residentes, pois se tratam de conhecimentos ancestrais, em que esses saberes são passados de geração em geração. Outro fator importante que impulsionou os residentes a cultivarem essas plantas era a dificuldade de se deslocar até as cidades vizinhas, por falta de transporte. Isso fez com que os autóctones desenvolvessem uma nova forma de curar suas enfermidades através de ervas medicinais. “Como naquele tempo não tinha transporte para comprar os remédios, as mulheres faziam remédios caseiros, como chás, lambedores e compressas e que a gente plantava em casa. Até hoje esses saberes são passados para os nossos filhos” (FERREIRA, 2018).

Os moradores cultivam as plantas em suas próprias residências, como estratégia para minimizar as dores ou enfermidades de algum parente. Dentre essas plantas destacam-se o alecrim, arruda, colônia, hortelã miúdo (menta), anador, boldo, quebra pedra (planta utilizada no tratamento de cálculos renais), flor de maracujá, camomila, macassá, capim santo, romã, mastruz e cana do brejo. Que são plantas mais comuns encontradas nas casas dos residentes da comunidade.

Artesanato

Os artesãos da comunidade têm como base a cultura local para fazer as peças, no qual, são utilizadas nas atividades cotidianas, como instrumentos e adornos. O conhecimento do artesanato é passado de geração para geração, em que os mais velhos ensinam a seus parentes, essa é a forma utilizada pelos residentes para manter a tradição viva na comunidade. “Comecei a fazer artesanato com oito anos, aprendi com meu tio Nascimento, ele me ensinou o trançado que é a técnica que a gente usa pra fazer as peças que são de palha e cipó” (SOARES, 2018).

As peças do artesanato são comercializadas em feiras de artesanato indígena em cidades vizinhas e na comunidade quando há visitas de instituições ou grupos de turistas. Os

materiais utilizados na confecção das peças são encontrados na própria comunidade como, cipó, taboca, palha de dendê, sementes (olho de boi, jatobá, ponta de caboclo e olho de pombo), dente de jacaré, penas (pássaros, galinha e guiné) e cabaço.

Além das peças de sementes e cipós, também eram feitas algumas esculturas de madeira e tabatinga (argila branca), essa argila era encontrada próximo ao rio da comunidade, feitas pelo senhor Moisés. Que usava a argila para fazer panelas de barro e esculturas de pássaros.

Culinária local

A gastronomia local tem como base principal alguns alimentos que são cultivados na comunidade, como a batata doce, macaxeira e mandioca. Na comunidade ainda é realizada a produção de farinha de mandioca, produzida nas duas casas de farinhas em funcionamento. Durante as entrevistas alguns residentes relataram que haviam outras casas de farinha, mas com o passar do tempo a produção de farinha deixou de ser realizada com frequência, devido a diminuição do plantio da mandioca na comunidade.

A produção desses alimentos é feita de forma artesanal na qual os ingredientes são da própria comunidade e são produzidos pelos residentes a partir do conhecimento empírico sobre o preparo e seguem o conhecimento passado de geração em geração. Desta forma, cada família tem uma culinária distinta, mas com grande ligação da cultura indígena.

Os principais pratos identificados na culinária local foram o beiju, tapioca, cuscuz de mandioca mole, bolo de batata doce, calambica e bolo de macaxeira. Foi possível observar que esses pratos da culinária típica são feitos por mulheres. “Aprendi a fazer tapioca quando eu tinha oito anos, via minha mãe e minha avó fazer. Hoje a venda das tapiocas é a minha principal fonte de renda” (REGIANE, 2018).

Trilha

A trilha ecológica do Catu possui vários sentidos para os residentes, pois era utilizada como trajeto para chegar a cidades vizinhas como Várzea e Espírito Santo. Além disso, suas rotas possuíam pontos para a colheita da mangaba e bati, nos chamados tabuleiros (pontos que ficam centralizadas as mangabeiras). Sendo a mangaba uma fonte de subsistência para os residentes, que colhem a mangaba e fazem a comercialização do fruto em feiras locais de Goianinha, Canguaretama, Pedro Velho e Piquiri. O óleo do bati era utilizado na culinária local. O trajeto da trilha também é utilizado pelos moradores para a caça de animais.

A trilha é destacada pelos condutores locais, por alguns pontos principais, sendo eles, Mirante do Gavião, Barragem do Jacaré, Trilha da Mãe d`agua, Trilha Tupinambá, Água fria e a Trilha da Fulozinha, esses locais são de destaque, por possuírem significados históricos que contribuem para a cultura da comunidade. “O potencial turístico da trilha é voltado para um conhecimento ecológico de proporcionar ao visitante um conhecimento de rotas que coletores de mangaba e o contato direto com a natureza” (SOARES, 2018).

Diante disso, é possível perceber que a trilha possui sentidos históricos e culturais para os residentes da comunidade. Além de possuir um grande potencial turístico por sua beleza natural e pela cultura indígena.

Eventos

As principais manifestações culturais que são realizados na comunidade é a celebração do dia dos povos indígenas, a festa do padroeiro São João Batista e a Festa da Batata. No dia 19 de abril é comemorado o dia dos povos originários, em que é celebrado nas escolas João Lino e escola Alfredo Lima, com uma programação voltada para a cultura local, onde os alunos fazem a pintura corporal, dançam o toré e brincam de jogo de castanha e peteca. Além disso, acontece a visitação de outras escolas da região para conhecer a comunidade.

A primeira festa em comemoração ao Padroeiro da Comunidade São João Batista, ocorreu no ano de 2003, por Maria da Piedade, mais conhecida como Naíde. O incentivo para a realização do festejo veio a partir da motivação de seu avô Francisco e pelo seu pai João, que realizavam comemorações ao dia de Todos os Santos. Com esse estímulo e pela vontade de melhoria da infraestrutura da igreja católica, surgiu a primeira festa do padroeiro, celebrada no dia 24 de junho, dia de comemoração ao santo de São João Batista com o objetivo de arrecadar recursos para a manutenção da igreja.

A origem da Festa da Batata se deu a partir de uma celebração religiosa organizada por Chico Nenê em alusão ao dia de Todos os Santos. Após o seu falecimento o cacique Luiz Katu deu continuidade ao festejo. No entanto, deu um novo sentido ao evento, em que celebra a colheita da batata doce e o fortalecimento da cultura indígena.

O evento é realizado anualmente no dia 01 de novembro, com a programação cultural no período da manhã e tarde, com as atividades de palestras, mesas redondas, missa em celebração ao dia de Todos os Santos, maratona (corrida percorrida pela comunidade), pintura corporal e a roda de toré aberto para o público e a programação noturna, com o concurso gastronômico, leilão, concurso da maior batata e apresentação das atrações musicais.

Durante as entrevistas, foi observado que na comunidade existiam outros eventos que eram realizados na comunidade pelo senhor Chico Nenê, mas que após o seu falecimento deixaram de ser realizados. “A primeira comemoração de Todos os Santos foi nos anos cinquenta pelo seu Chico Nenê. O povo se reunia para rezar o terço e depois tinha o baile com forró de sanfona. Quando ele faleceu, o filho dele deu continuidade a celebração” (SOARES, 2018).

No dia de Todos os Santos o povo se juntava em frente a capela e logo cedo começava. Tinha coco de roda e quem participava era as mulheres que vestiam vestidos floridas e amarravam um pano na cabeça. As mulheres cantavam e dançavam em círculo, depois tinha o João redondo, que era um bonequinho por trás da cortina e as crianças ficavam assistindo e também tinha o boi de rezo, que encerrava as atrações. No boi de rezo, só quem participava era os homens, todos com chapéu de cor, as roupas cheias de espelho. Eles colocavam o chapéu no chão pro povo colocar dinheiro. Eu lembro que tinha uma mesa cheia de comida, tinha pão de jacaré, as comidas todas tinham formato de animal, tinha batata com coco, arroz com rapadura. Depois tinha o forró de sanfona na casa de alguém e assim ia até de manhã (SOARES, 2018).

No dia 01 de novembro era realizado um grande festejo em alusão ao dia de todos os Santos, que tinha a participação da comunidade, com uma programação repleta de atrações culturais. Um fato interessante, foi a forma de como ele oferecia as comidas para os participantes do evento, as comidas possuíam formato de animais e todos os alimentos eram da comunidade. Isso demonstra o interesse que ele tinha em valorizar a cultura local, através da realização do evento.

Pintura Corporal

A pintura corporal tem grande relevância para a cultura indígena na comunidade, no qual essas pinturas representam aspectos relacionados a natureza de modo geral, como os animais e a união do povo potiguara. A tinta utilizada na pintura é feita de frutos como o urucum e o jenipapo que podem ser encontrados na própria comunidade. “A pintura representa a natureza, os animais e a troca de energia. A tinta é obtida pelo urucum que possui coloração vermelha que representa a força vital do indígena e o jenipapo tem cor preta que simboliza a terra” (SOARES, 2018)

O urucum conhecido popularmente como coloral é utilizado pelos residentes na culinária local e como repelente natural, no qual possui coloração vermelha. Os residentes usam o jenipapo para alívio de dores e machucados, sendo utilizado na aplicação direta na dor. Na comunidade também é feito o licor de jenipapo para consumo próprio dos residentes. O jenipapo possui coloração preta e pode ficar na pele por um período de dez a quinze dias.

DIAGNÓSTICO DOS ATRATIVOS

O diagnóstico deste estudo foi constituído através das observações realizadas durante as entrevistas. No qual, os próprios residentes relataram a falta de infraestrutura da comunidade, como também analisado pela pesquisadora no período da coleta dos dados.

Neste sentido, o diagnóstico foi elaborado para que fosse possível destacar o que seria necessário para a melhoria destes atrativos e para identificar as ações que podem ser realizadas para a materialização dessas atividades como atrativos. No atrativo da agricultura familiar é necessário ampliar o espaço para receber os visitantes, assim, facilitará a circulação dos visitantes no espaço das plantações, sem danificar as lavouras.

Durante a realização das entrevistas foi perceptível na fala dos agricultores que eles possuem interesse em participar da atividade turística, porém sentem receio de receber pessoas e vergonha de conversar com pessoas que não conhecem. Por isso, faz-se necessário realizar a capacitação dos residentes e prepará-los para receber os visitantes.

A oficina de tupi é realizada nas escolas locais da comunidade. No entanto, não existe um local fixo para receber os visitantes, já que a oficina de tupi é ofertada apenas para os alunos das escolas da comunidade, exceto quando ocorre a visitação nas escolas.

Para melhor atender a demanda, é necessário que seja construído um espaço fixo, com uma infraestrutura adequada para que os visitantes possam ser recepcionados. Uma alternativa que pode ser aplicada, é a formação de um espaço cultural, em que as demais oficinas, artesanato, exposição de objetos e registro fotográficos que fazem referência a cultura indígena local. Desta forma, poderia proporcionar uma experiência de imersão cultural, através do conhecimento sobre a língua tupi e as demais atividades que podem ser desenvolvidas nesse espaço.

Os residentes que foram entrevistados sobre as plantas medicinais possuem apenas o conhecimento empírico sobre as ervas passado de geração em geração, todos os conhecimentos adquiridos foram através de familiares que cultivavam as plantas. No entanto, é necessário que haja o conhecimento técnico para auxiliar na explicação das ervas medicinais, como também evitar alguma reação alérgica do visitante durante o contato com as plantas.

Observou-se que as lendas são contadas por pessoas mais velhas da comunidade e que alguns jovens não tem conhecimento sobre esses fatos históricos que fazem parte da cultura local. Com isso, faz-se necessário fazer o resgate cultural, que pode ser feito através do incentivo as novas gerações em conhecer as histórias da comunidade e mostrar aos residentes a

importância em manter as tradições que fazem parte da cultura local, para preservar a memória histórica de um povo, para que possam ser passados para as gerações futuras.

No atrativo do artesanato, percebe-se a carência de um espaço físico para que os artesões possam expor suas peças. Também foi observado que algumas das matérias primas que são utilizadas pelos artesões são adquiridas de outras comunidades, como escamas, sementes e penas. No entanto, na comunidade é possível encontrar uma grande diversidade de materiais naturais que podem ser trabalhados, para tornar o produto autêntico. Como por exemplo, colar de sementes de maçaranduba, amescla, copos de coco, copos de bambú, chaveiro de sementes de panelinha, todos esses materiais citados são encontrados na comunidade e podem ser trabalhados no artesanato.

Além disso, foi observado que o número de artesões é pequeno, pelo fato de que poucas pessoas da comunidade possuem conhecimento para produção das peças. Diante disso, seria fundamental incentivar as novas gerações a aprenderem a cultura do artesanato. Essa ação poderia ser realizada através de oficinas para os residentes da comunidade.

Durante as entrevistas observou-se que alguns artesões faziam peças de argila e barro. No entanto, essas peças estão deixando de serem trabalhadas na comunidade. Diante disso, é necessário fazer o resgate dessa prática para que as novas gerações possam conhecer as atividades culturais que fazem parte da cultura local, como também dar continuidade ao artesanato.

Quanto a culinária local, observou-se que as famílias mantêm a produção dos alimentos tradicionais, porém, possuem receio de receber visitantes em suas residências. Desta forma, para a implementação dessa atividade como atrativo turístico, seria interessante mostrá-los a importância da participação dos residentes da comunidade, como também os preparar para receber os visitantes. Assim, poderá gerar o desenvolvimento local através da geração de novas fontes de renda e da valorização cultural.

Dentre as atividades analisadas que possuem potencial turístico, percebeu-se que o atrativo da trilha do Catu, possui uma quantidade mínima de sinalização. Em alguns locais do trajeto é pequeno e dificulta a passagem das pessoas e o percurso possui algumas espécies de plantas cortantes, como a titirica e cipó de fogo. Além disso, o trajeto não possui um ponto de apoio para atender as necessidades dos visitantes. Outro fator importante que deve ser elencado, é a necessidade de capacitação dos condutores locais, através do conhecimento das técnicas de atendimento ao cliente e da condução turística.

Na comunidade ocorrem diversos eventos, desde manifestações culturais à eventos religiosos. Para que os eventos sejam realizados anualmente e que os residentes tenham uma

maior interação, poderia ser criado um calendário de eventos para a comunidade e a organização de uma comissão para auxiliar no planejamento e execução dos eventos locais.

Por fim, foi analisado que o número de pessoas que fazem a pintura corporal é relativamente pequeno. Ademais, é preciso incentivar os residentes a aprenderem a pintura, para que essa cultura possa ser mantida na comunidade. A oficina de pintura corporal é ensinada nas escolas locais, em que os alunos aprendem a fazer as pinturas e seus significados. A pintura também é realizada nos roteiros turísticos que acontecem na comunidade, através de um residente que possui o conhecimento da pintura.

No entanto, foi observado que os responsáveis pela pintura quando ocorrem as visitas turísticas não explicam os significados da pintura aos visitantes, o porquê de utilizar o urucum e o jenipapo na pintura, as demais utilidades desses frutos que os residentes utilizam, como no caso do urucum que é usado na culinária, serve de repelente natural e protege contra os raios ultravioleta, sendo utilizado como protetor solar natural. O jenipapo é usado pelos anciãos para aliviar dores musculares e sua coloração preta começa a sair de acordo com o alívio da dor. Esses relatos enriquecem a experiência do visitante na comunidade. Outro fator analisado é que existem poucos residentes que sabem fazer pintura corporal. Assim, faz-se necessário incentivar os residentes a aprenderem a pintura, para que essa cultura possa ser mantida na comunidade.

O quadro 1, refere-se a análise SWOT da atividade turística na comunidade do Catu do Eleotérios, elaborada a partir da análise das entrevistas realizadas com os residentes e na percepção da pesquisadora. Nela, são abordados as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que o turismo pode trazer para a comunidade.

Quadro 1 - Análise SWOT

ANÁLISE SWOT	
FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> - Forte potencial turístico; - Desenvolvimento econômico - Grandes riquezas culturais; - Comunidade acolhedora; - Atividades com diferencial turístico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco envolvimento dos moradores na atividade Turística; - Falta de espaços para a realização das atividades; - Falta de divulgação e informação sobre a atividade turística; - Falta de diálogo com os residentes sobre a atividade turística; - Falta de infraestrutura local.
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

<ul style="list-style-type: none"> - Novas fontes de renda para os residentes; - Maior fluxo turístico na comunidade; - Divulgação da comunidade; - Criação de roteiros turísticos para o segmento; - Reconhecimento da cultura local a partir da atividade turística; - Investimento do poder público e privado na comunidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Turismo de massa; - Especulação imobiliária; - Fluxo descontrolado de visitantes; - Supervalorização da cultura exterior; - Turismo de sol e praia.
---	---

Fonte: Dados do estudo, 2019.

Neste sentido, a análise SWOT possibilita uma visão interna e externa que a atividade turística pode proporcionar para a comunidade, sendo possível observar as fortalezas que a implantação do turismo pode acarretar ao local e as oportunidades possíveis de acontecer, como também visualizar as fraquezas da localidade presentes na prática da atividade turística, logo o que também pode ameaçá-la.

Com isso, a Matriz SWOT pode identificar os fatores internos e externos que são favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento do turismo na comunidade. A partir desta análise pode-se concluir como deve ser realizado o planejamento, com o intuito de fortalecer os pontos positivos, o que pode ser melhorado e alerta os riscos que podem ser gerados.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E TEÓRICAS

No que se refere às implicações práticas deste trabalho, acredita-se que o estudo pode contribuir tanto para o desenvolvimento turístico da comunidade, quanto para o incentivo da participação colaborativa e no estímulo à gestão participativa dos residentes. Do ponto de vista acadêmico, o estudo visa contribuir na geração de informações para agregar conhecimentos para trabalhos futuros, no âmbito de pesquisas acadêmicas, já que há a carência de estudos referentes a essa abordagem e promover o incentivo a novas pesquisas sobre o tema, já que estudos dessa tipologia são de certa forma escassos.

Quanto à colaboração para os moradores, o turismo pode auxiliar no fortalecimento cultural, social e econômico dos autóctones, uma vez que um dos grandes desafios encontrados é a participação dos residentes na atividade turística e a centralização da atividade em poucos grupos familiares. A implantação do turismo étnico-criativo pode proporcionar a interação dos moradores no desenvolvimento da atividade turística e a participação desses atores para melhorar a distribuição de renda. O estudo da atividade turística permite uma visão mais ampla, acerca da compreensão sobre a percepção dos agentes sociais envolvidos na prática turística, num contexto social e cultural. Por isso, faz-se necessário novas ações de incentivo para o

desenvolvimento da atividade turística em comunidades indígenas agregadas à cultura e à criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa realizada foi possível observar que a comunidade indígena Catu dos Eleotérios possui potencial para o desenvolvimento de roteiros com base no turismo étnico-criativo em virtude das suas características culturais, o que abre novas possibilidades de produtos criativos associados à experiência. Dados os resultados, conclui-se que, os potenciais observados no desenvolvimento do turismo criativo como produto turístico são: a agricultura familiar, gastronomia local, a trilha, oficina de pintura corporal, as plantas medicinais, lendas, ritual de toré e o artesanato.

Para a implementação dessas atividades e fazer o planejamento da atividade turística de forma colaborativa e conjunta com os residentes é necessário desenvolver ações de capacitação dos residentes. Para isso, é importante a parceria entre a comunidade e instituições que possam colaborar na qualificação profissional dos residentes.

Durante a pesquisa foi identificado que a maior parte dos moradores entrevistados apresentaram interesse em participar desse segmento turístico, principalmente por possibilitar uma visão mais ampla para a cultura indígena, promovendo a valorização e empoderamento étnico. Nesse sentido, foi observado que é possível a implantação do turismo criativo na localidade. Esse segmento é de suma importância para o crescimento da economia local, proporcionando maior engajamento dos moradores na atividade turística, direcionado para o crescimento sustentável, a partir de ações que visem uma melhor combinação entre a sustentabilidade e o desenvolvimento turístico na comunidade.

Diante dos fatores analisados, espera-se que este estudo possa contribuir no potencial do turismo criativo na comunidade Catu, principalmente por se tratar de uma localidade com base étnica. É importante destacar a necessidade de novos estudos de mesmo caráter, a fim de uma maior abordagem sobre o tema referido.

REFERÊNCIAS

ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: análise reflexiva das relações com o Turismo. In: Dusan Schreiber. (Org.). **Inovação e Aprendizagem Organizacional**. Novo Hamburgo: Feevale, v. 1, p.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições:70, 1994

BRANDÃO, C. N., BARBIERI, J. C., & REYES-JÚNIOR, E. (2013) **Análise dos impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais do turismo indígena**: estudo multicasos em comunidades indígenas de Roraima. In: Anais do XXXVII Encontro da Anpad, Rio de Janeiro, 1-16, 11 set.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Roteiros Brasil**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília, 2007.

CHAGAS, M. M. das. (2014). **Avaliação dos impactos sócio-econômicos do turismo gerados pelo setor hoteleiro**: uma análise dos hotéis da Via Costeira – Natal/RN. Revista Espaço Acadêmico, 13(153), 93-104.

CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Experiências criativas em roteiros turísticos integrados nas Serras do Agreste Potiguar**: Uma proposta de levantamento de atrativos e elaboração de roteiros com produtos criativos na região. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2020. (Relatório de Projeto de Pesquisa).

CRESTANI, V.T.V. Estudo de viabilidade de implantação de um roteiro turístico abrangendo algumas igrejas e o Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha/MG. **Gestão em foco: revista online**, 5. ed. 2012.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos

EMMENDOERFER, M.L. & ASHTON, M.S.G. (2014). **Territórios criativos e suas relações com o Turismo**. Turismo & Desenvolvimento, V.4 (21/22), pp. 459-468.

FELIX, João Paulo Serafim; CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Análise das percepções e apoio da comunidade local ao desenvolvimento do evento Feira de Culinária Típica de**

Vila Flor/RN. Canguaretama/RN: IFRN - Campus Canguaretama, 2019. (Relatório de Projeto de Pesquisa).Itabaiana (PB). Caderno Virtual de Turismo, v. 11, p. 147-163, 2011.

MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista Administração Pública**, v. 39, n. 4, p. 823-847, jul/ago. 2005.

MOLINA, S. **Turismo Creativo – El fin de la competitividad**. Chile: Escritores, 2011.
MTUR - Ministério do Turismo do Brasil. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília, 2010.

REIS, A. C. F. (org.). (2008). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural. REIS, A. C. F. (org.). (2008). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural.

RICHARDS, G. (2003) – **Turismo creativo – una nueva dirección estratégica?** In Ortega, E. (ed) – **Investigación y estrategias turísticas**. Madrid: Thomson, p. 107-122

RICHARDS, G. (2011). **Creativity and tourism: the state of the art**. *Annals of Tourism Research*.

RICHARDS, G.; RAYMOND, C. **Creative tourism**. *Atlas News*, v. 23, 2000. p.17.

SANTOS, Kaline Mendonça. **Fatores que afetam o apoio de residentes ao desenvolvimento do turismo em sítios arqueológicos: Um estudo no Seridó Potiguar**. 2014.92f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

SILVA, Gilmara Barros da. **Fatores capazes de influenciar o apoio dos residentes ao desenvolvimento do turismo religioso em Santa Cruz – RN**. 2014. 112f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

SILVA, J. A. S. **Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em Cluster**. 2004, 480f. Tese (Doutorado em Geografia.) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo.

STYLIANOU-LAMBERT, T. **Gazing from home: Cultural tourism and art museums**. *Annals of Tourism Research*, v.38, 2011. p.403–421.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City Tour**. São Paulo: Aleph, 2002

UNCTAD (2008). **Creative economy report**. http://unctad.org/fr/Docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em 03 de Outubro de 2020.

UNESCO. **Creative economy**. Report 2010. Nova York: United Nation, 2010.

VEAL, A.J. **Metodologia da pesquisa científica em lazer e turismo**. São Paulo : Aleph, 2011.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

VIEIRA, Kaline Formiga. **Avaliação do apoio dos residentes no processo de gestão de projetos turísticos ambientais: Um estudo do vale dos dinossauros – Sousa/PB.** 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. Indicadores de desarrollo sostenible para los destinos turísticos. Guía práctica. Madrid: World Tourism Organization, 2005.